

## ***Simoa: o divino e a condição feminina em Adonias Filho***

**Simone da Silva Santos**

Bacharela em Comunicação Social e Especialista em Gestão Cultural  
(UESC)

*E-mail:* simonecsba@hotmail.com

Recebido em: 10/08 /2015.

Aprovado em: 16/10/2015.

**Resumo:** Neste trabalho discute-se a representação do divino e a condição feminina a partir da análise do personagem título da novela *Simoa*, de Adonias Filho. Analisa-se o imbricamento das relações sociais e da organização da comunidade através das ações de Simoa, bem como a representação dos mitos africanos e de suas características para a formulação da sociedade sul-baiana, reconhecendo o protagonismo feminino na constituição da sociedade na qual a personagem título se insere.

**Palavras-chave:** Literatura. Mito. Condição feminina. Sociedade.

### ***Simoa: the divine and the feminine condition in Adonias Filho***

**Abstract:** In this work we discuss the representation of the divine and the feminine condition from the analysis of the title character of the novel *Simoa*, by Adonias Filho. The interrelationship of social relations and community organization through the actions of Simoa, as well as the representation of African myths and their characteristics for the formulation of South-Bahia society, are analyzed, recognizing the feminine protagonism in the constitution of the society in which the character title is inserted.

**Keywords:** Literature. Myth. Female condition. Society.

## 1 Introdução

A literatura é um importante meio pelo qual os costumes e as crenças de um povo são evidenciados. Através do trabalho executado pelo autor, esses costumes e crenças são concretizados sob a forma do texto literário e, conseqüentemente, eternizados. Na região sul-baiana, esses aspectos da cultura popular foram perpetuados nas palavras de um de seus maiores expoentes literários: Adonias Filho.

Adonias Filho compõe um importante grupo de escritores que fazem parte do chamado Romance Brasileiro de 30, uma clara referência ao surgimento de escritores a partir desta década, a 2ª geração do Modernismo. Isto posto, buscamos entender como Adonias Filho apresenta as relações sociais e a disputa de terra, tomando como ponto de vista a personagem Simoa. Podemos entender, a partir da caracterização desta fase do modernismo, que suas palavras carregam com forte impacto as ações e movimentos populacionais que contribuíram para a formação da região sul-baiana.

Ao mesmo tempo, o escritor inspirou-se nos mais profundos sentimentos do povo desta região, criando caracteres e tipos que refletem a emergência da vida, a intensidade de um mundo bruto e, ao mesmo tempo, mítico. Essa relação mítico-sócio-cultural evidencia não só a constituição do povo da região sul-baiana, mas também da composição do povo brasileiro. De acordo com Maria de Lourdes Neto Simões:

A literatura constitui-se em ótica do universo cultural e vivencial que configura uma visão de mundo do ficcionista [...]: comportamentos éticos, filosóficos, políticos, traduzidos em estratégias discursivas reveladoras do imaginário que perspectiva o mundo. Nessa ótica, a interação entre ficção e o contexto sócio-cultural (*sic*) é fundamental. (SIMÕES, 1998, p. 119-120).

Nessa perspectiva, Adonias soube como poucos relacionar cultura e sociedade em seu universo literário, traduzindo a formação da região do cacau e dos povos constitutivos desta cultura como os pilares da sociedade retratada em seus textos.

Adonias recorre a mitos universais, aclarando a relação existente entre o social e o divino na constituição do imaginário do povo da região sul-baiana e também na construção da sua novela *Simoa*.

Dessa forma, Adonias amplia o alcance de sua obra, fazendo com que ela seja capaz de transcender o regional, tornando-se universal. Ao direcionar seu foco para a cultura do povo negro nesta novela, Adonias ajuda o leitor a compreender a mitologia africana como integrante dessa mitologia universal, e, portanto, digna de figurar entre as principais mitologias ocidentais como a grega, celta, etc.

É tratando desses aspectos que se tentará, neste estudo, descobrir o relacionamento entre literatura, mitologia e condição feminina, buscando compreender os elementos que constituem o imaginário do povo negro que, conseqüentemente se tornou, ao longo da história, elemento constitutivo do imaginário do povo baiano.

Dessa forma, a análise em questão evidenciará não só as características dos orixás femininos africanos refletidas pela personagem Simoa, mas também como essas características se fazem presentes no campo social em que a referida personagem se insere.

## 2 Simoa: mitologia e condição feminina

Considerando estas observações, Lyra (1998, p 30) afirma que “Cada povo tem sua configuração existencial própria, modelada pela sua base geográfica e pelo seu percurso histórico, ambos com seus problemas típicos”. Estes percursos históricos, do negro, do branco, do índio e do sertanejo, que transcendem os personagens adonianos, evidenciam o alcance de sua obra, numa tentativa de criticar os fatos, impulsionando o leitor a mergulhar num universo denso, cheio de drama e comoção.

O próprio autor, afirma que esse

É um romance, pois, de documento. E sendo principalmente o testemunho, não aliena ou elimina – no fundo mesmo dessa percepção realista – a grande auscultação ou a sondagem maior em torno da condição comum. Não falta a interiorização em busca psicológica como também não falta a dialética em força (*sic*) de debate. (FILHO, p. 11-12, 1969).

Em *Simoa* não é diferente. Através dessa configuração social, Adonias apresenta a luta pela ocupação das terras do sul da Bahia,

traduzindo não só a organização social, mas para além desta configuração, como o mito e a fé transpõem essa configuração social. A partir da personagem título, Adonias amplia a visão do leitor para além da disputa social, buscando também inserir o mito e a fé na interpretação dos grandes movimentos populacionais que constituíram a região em questão.

Simoa surge como centro da organização social de seu povo, tornando-se essencial na salvação deste e na organização de seu meio social. A partir das ações da personagem, assumimos a visão de mundo em que o mito organiza e direciona as ações dos personagens. A iminência do destino confronta os personagens e os obriga a agir através de uma única saída: a fé.

Adonias caracteriza sua personagem de uma maneira sobrenatural, trazendo desde sempre em seu cerne a figura dos mitos africanos e da cultura negra, como pano de fundo de sua história. Para Roger Bastide (2001, p. 218) “Na sua vida, nas suas estruturas psíquicas, o homem todo simboliza o divino”. Dessa forma, a atmosfera mítica, baseada nos orixás femininos Iansã, Oxum e Iemanjá, perpassa a personagem Simoa, tornando-a muito mais que uma mulher, torna-a a Grande Mãe de seu povo, arquétipo feminino que na cultura universal é representante do maternal, da mágica autoridade do feminino, da sabedoria e da elevação espiritual, fundamental para Simoa em sua organização social.

De acordo com Bastide (2001, p. 153) “os orixás [...] constituem forças da natureza, fazem chover, reinam sobre a água doce, ou representam uma atividade sociológica bem determinada: a caça, a metalurgia”. A partir dessas forças míticas, podemos evidenciar de que maneira a construção da personagem Simoa está relacionada com as características dos orixás femininos africanos, o campo de atuação social dos mesmos, bem como tal atuação torna-se determinante para a constituição da organização social do povo da várzea, comunidade de Simoa e sua conseqüente salvação.

### 3 Simoa: origem, poder e mito

Assim como os orixás femininos Iansã, Oxum e Iemanjá, Simoa caracteriza-se como a figura da Grande Mãe. Simoa carrega, por sua

vez, a imagem arquetípica derivada do imaginário do povo negro, e, juntamente com essa imagem, simboliza as principais características dos orixás femininos supracitados, em sua constituição psicossocial: Iemanjá “a deusa das águas, tida como a mãe de todos os outros orixás” [...]; Oxum “a deusa iorubana da água doce, dos lagos, das fontes e das cachoeiras” [...]; Iansã “a deusa iorubana dos ventos, dos raios e das tempestades” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78-79).

No início da trama, Simoa apresenta-se como a imagem arquetípica de Iansã, pois é forte, decidida, atraente “[...] pedia vestidos vermelhos [...] os pés nus, os seios pequenos, a pele macia, de mulher o rosto” (FILHO, 1993, p. 134). As cores ligadas a Iansã, segundo Vagner Gonçalves da Silva (1994) são: rosa, vermelho e marrom. Simoa está mais próxima ao divino do que ao humano, essa condição especial faz com que seja desejada pelos homens da comunidade a que pertence.

Os rapazes, homens que plantavam as canas, os braços fortes na moenda e no arado, desejavam Simoa, o corpo devia ser morno, gosto de sal nos lábios. Recuavam, porém quando chegavam perto. A moça como que refletia os poderes, seria impossível tomá-la como uma mulher, não pulsava em seu peito um coração de gente. Sentiam uma espécie de ameaça, amor de incêndio, a carne se queimando até a morte. Rodavam em torno, atraídos e espantados, ninguém entendendo o que havia nela para assustar. Concha, concha de pedra, nem Ifá decifraria (FILHO, 1993, p. 134).

O fragmento acima indicia o comportamento de Iansã, através da construção da personagem, uma vez que esta é ao mesmo tempo sedutora e misteriosa, “Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder” (PRANDI, 2001, p. 296), portanto, os homens se interessam, mas não se aproximam de Simoa, em decorrência da aura de mistério que envolve a personagem, visto que intuitivamente eles entendem que “não pulsava em seu peito coração de gente”.

Simoa sai da condição de simples mortal para ser reflexo do plano metafísico. Ainda utilizando o fragmento supracitado, nota-se que este faz referência ao fogo “[...] amor de incêndio, a carne se queimando até a morte”, o orixá feminino africano Iansã está intimamente ligado ao fogo. “Com Exu adquiriu os direitos de usar o poder do fogo e da magia, para realizar os seus desejos e os de seus protegidos” (PRANDI, 2001, p. 29). Ainda em relação ao fogo, este

elemento é citado em outras passagens da obra literária analisada: “Simoa veio correndo, trazia brasas nos ombros, ele a achou linda como as próprias trevas.” (FILHO, 1993, p. 140).

A aura de mistério que envolve a personagem Simoa se intensifica por causa de sua origem, pois se sabe apenas que ela foi achada na praia de Ilhéus e destinada para a comunidade negra da várzea.

[...] quando Iansã descarrega as tempestades. Armam-se todos os destinos. Uma criatura foi nascida, ninguém viu ou soube, era Simoa [...]. As coisas acontecem, as palavras não explicam, o mundo é grande demais para que se conheçam seus mistérios [...]. A pretinha acomodada no fundo. “Não sou a mãe” - jurou. Era de Ilhéus - e ainda pudera contar - viúva de pescador, a jangada com o nome de Janaína. Vivia quase de esmola catando na praia o resto da pescaria. E buscava o peixe, manhã de sol por cima, quando viu a menina. Uma semana de nascida talvez. Na areia úmida, as águas lavando o corpo, a pretinha não chorava. Precipitara-se, era como uma filha que viesse do mar, [...]. Entreguem ela ao povo da várzea. Já morria, embora falasse. E foi possível dizer, ofegante, muito baixo: ‘Ela se chama Simoa’ (FILHO, 1993, p. 133).

No trecho acima, fica claro outra proximidade entre Simoa e Iansã: a origem das duas representantes femininas é semelhante, pois ambas foram encontradas por pescadores na água, Simoa no mar e Iansã no rio:

Tempos depois, alguns pescadores viram uma caixa boiando no rio .  
Foram ver de perto e dentro tinha uma criança.  
Assustaram-se com o que viram.  
Temerosos, abandonaram seu achado na margem do rio.  
Pelo mesmo lugar passou uma embarcação.  
Seus ocupantes foram atraídos pelo choro da criança.  
Os viajantes recolheram a criança e a levaram como presente ao rei .  
[...]  
Essa menina era Oiá [Iansã]. (PRANDI, 2001, p. 295-296)

A mitologia africana em *Simoa* acaba por ser um dos elementos que dá o suporte para a organização social da comunidade negra. No texto, os negros acreditam, pois, que todas as suas práticas sociais e decisões estão respaldadas pelo plano metafísico. Uma das consequências desta crença é o fato deles terem aceitado Simoa, pois esta demonstra ser um reflexo do divino, por seu comportamento ser similar aos dos orixás femininos africanos.

Simoa é a enviada que vai ajudar a solucionar os problemas da tribo por conhecer o caminho que leva à superação de obstáculos, fato que mais uma vez, aproxima a personagem-título de Iansã. Simoa conduz a comunidade negra para a vida, fugindo da morte; Iansã conduz os mortos, para deixar os vivos em paz, logo as duas são condutoras por excelência, mesmo que em caminhos diferentes. Uma preserva a vida, enquanto a outra consolida a morte.

Olorum, que tudo via, emocionou-se com o gesto de Oiá e deu-lhe o poder de ser guia dos mortos no caminho do Orum. Transformou Odulecê em orixá e Oiá na mãe dos espaços dos espíritos. Desde então todo aquele que morre tem seu espírito levado ao Orum por Oiá (PRANDI, 2001, p. 311).

No desenrolar da trama Simoa que, a princípio, se aproxima de Iansã no seu comportamento, em seguida apresenta-se como imagem arquetípica do orixá feminino Oxum, visto que a comunidade negra da várzea está passando necessidade no meio do deserto e clama pela ajuda de Oxum, porque o ambiente físico é inóspito e a comunidade fica assustada com essa realidade.

Honório veio à frente para dizer o que povo negro estava assustado. Avançava, porém, passo a passo, arrastando-se. E, quando a terra se mostrou nua, ninguém pôde acreditar que aquilo ainda fosse um pedaço do mundo. O barro crestado, de perder vista, com as pedras por cima e o silêncio medonho na desolação. Quem quer que ali ficasse morreria de fome, cairia de sede, correria doido para mumificar-se na estufa. Nada no ar, nem mesmo urubus, o céu sem manchas. A parada de súbito com o povo negro unido naquele momento sem nenhuma esperança. E, como se temesse um grande castigo de Exu – os orixás fugindo -, Xangô sem corpo para criar a sombra, o povo se voltou para o deserto, calado. Iria começar a provação, melhor

seria ter ficado, morrer assassinado na várzea a penar naqueles tabuleiros do inferno. (FILHO, 1993, p. 142-143)

Apesar da comunidade acreditar na proteção dos orixás, passa por um período de provação que, momentaneamente, faz com este povo abale sua crença de ser amparado pelos “santos fortes” (FILHO, 1993, p. 126).

O povo da várzea foi conduzido até o deserto, por conta da mediação da personagem Simoa, uma vez que esta, com seu poder de sedução, conseguiu que Naro, que se torna seu companheiro, deixasse sua comunidade de origem -os caçadores -para guiar os negros na sua salvação. Simoa é a “dona dos caminhos” (FILHO, 1993, p. 134),

(...) A força inteira do homem se quebrava no pedido dos olhos, pedido e vontade, uma ordem. Ela explicou, o povo seria destruído se ali ficasse, o destino estava na fronteira – aquele deserto – e ele, Naro, o guia na selva. (...) Encantara um homem, tão forte agora como a raiva das ondas, em seus músculos os raios de lansã, posse de Simoa como o mar inteiro. Ela o beijaria na boca, mais que uma criatura porque escolhido para amante, sal também no sangue. Orixalá sabia, não podia se enganar, Simoa salvaria o povo. (FILHO, 1993, p. 138).

Naro se rende à força de Simoa, força espiritual, sua jornada como caçador é deixada de lado para unir-se àquela que inspira o povo à sua salvação. A urgência de seu chamado faz com que ele rompa com sua organização social e se dedique ao povo da várzea: “Sim, pai, eu serei o guia. [...] Lá, entre os negros, está a minha mulher – a pausa. – É Simoa.” (FILHO, 1993, p. 139). Como consequência deste episódio, Naro é deserdado por seu pai, deixando de fazer parte do seu grupo social de origem, abandonando sua história para construir outra, ao lado de Simoa e, conseqüentemente, dos negros da várzea.

A comunidade estava desolada, por isso passou a acreditar que os orixás estavam fugindo e que melhor teria sido ficar na várzea para morrer assassinados do que suportar aquela situação extrema. No período de mudanças, as certezas são abaladas, pelo fato das situações não estarem bem organizadas.

Agora não interessa mais para o destino dos negros, Simoa



ser atraente, linda, elegante como Iansã, porquanto a dificuldade atual era a falta de água para a sobrevivência da coletividade, logo a personagem-título deveria ter o comportamento similar ao de Oxum, “deusa iorubana da água doce, dos lagos, das fontes e das cachoeiras” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78).

Quando Simoa passa a refletir o comportamento de Oxum, a esperança de seu povo retorna, se o grupo quer água para sua subsistência, solicita a Oxum, pela mesma ter a capacidade de transformar uma terra infecunda em uma terra próspera.

Uma vez Olodumare quis castigar os homens.  
Então levou as águas da Terra para o Céu.  
A terra tornou-se infecunda.  
Homens e animais sucumbiam pela sede.  
Ifá foi consultado.  
Foi dito que se fizesse um ebó.  
[...]  
Oxum encarregou-se de levar o ebó ao Céu.  
[...]  
Olodumare viu tudo aquilo e se comoveu.  
Olodumare devolveu à Terra a água retida  
no Céu  
e tudo voltou a prosperar. (PRANDI, 2001, p.  
339-340)

No desfecho da história, a maneira de agir da personagem assemelha-se, principalmente, como a imagem arquetípica de Iemanjá. Apesar da semelhança de Simoa com Iemanjá ficar mais notória na finalização da trama, durante o enredo, há alguns indícios que podem associar as duas figuras femininas. O primeiro deles, diz respeito à origem de Simoa, visto que a personagem foi encontrada no mar, ambiente no qual Iemanjá reina, pois é “a deusa das águas [...]” (GONÇALVES DA SILVA, 1994, p. 78).

Metafisicamente falando, Simoa é apresentada como uma filha que veio das águas, logo Iemanjá pode ser considerada sua mãe, sendo natural portanto, a semelhança comportamental entre as duas:

-E a água? – era um grito. E a água?  
-O mar esteve aqui – Simoa respondeu. – Isso aqui foi o fundo do mar.

O fundo do mar, ela sabia, as ondas rolando, os grandes peixes, gosto de sal na terra. Simoa dissera – “o fundo do mar” -e as palavras correram acordando a imaginação dos negros [...] Simoa afirmou novamente:  
-Foi o fundo do mar. (FILHO, 1993, 143)

Iemanjá é a mãe de todos os orixás, portanto, quando Simoa apresenta-se com as características de Iansã e Oxum, não deixa para trás a sua maior peculiaridade, ser o que podemos definir como a filha da rainha das águas.

[...] O ventre descomunal de Iemanjá se rompeu e dele nasceram os orixás:

[...] Oiá, deusa do rio Níger, Oxum, deusa do rio Oxum,

[...] E outros e mais outros orixás nasceram do ventre violado de Iemanjá.

E por fim nasceu Exu, o mensageiro.

Cada filho de Iemanjá tem sua história, cada um tem seus poderes. (PRANDI, 2001, p. 382-383)

A despeito de estar no meio do deserto, Simoa sabe, mesmo que intuitivamente, que curso de sua vida está predeterminado em direção ao mar, pois o seu princípio é a água “[...] era como uma filha que viesse da água [...]” (FILHO, 1993, p. 133), logo o seu destino não pode ser o deserto, onde o solo é árido, impróprio para ser povoado. Sendo filha de Iemanjá, ela não pode conduzir o seu povo para a morte (seca), mas sim para a vida (água), portanto Simoa está segura que o lugar onde se encontra tinha sido o fundo do mar e também seria o lugar ideal para a salvação de seu povo.

## 4 Diálogos entre o mitológico e o literário

*Simoa* é um texto envolvente, vertical e mítico, que apresenta as crenças da região sul baiana como reflexo da miscigenação cultural entre negro, índio e branco. Adonias, representante de seu tempo, construiu uma narrativa que pinça cada elemento constitutivo da

região que veio a ser a «região do cacau», povoando de mistérios e de lendas, uma história que denuncia, ao mesmo tempo que reforça, os acontecimentos que a conformaram. Para Adonias,

“É o universo brasileiro que se mostra em quadro e imagem, problema e drama, linguagem e paisagem, ficcionalmente se movendo no poder de uma temática que oferece, com os mitos e os símbolos, o caráter nacional e a personalidade do povo” (FILHO, p. 12, 1969).

É nesse contexto, onde se verifica a mescla de tantas culturas, que Adonias Filho produz sua obra literária captando, portanto, os costumes da sociedade a qual pertence: o sul da Bahia. Ao documentar estes acontecimentos, respeitando a infraestrutura literária, com seus estilos e técnicas apuradas, Adonias toma pra si uma posição, na qual sua obra vai além do exercício da escrita, como também a preocupação em expressar o mundo em que viveu e povoou suas memórias: “Há os que entendem que a obra literária envolve uma representação e visão de mundo, além de uma tomada de posição diante dele” (FILHO, 1986, p. 9).

Neste texto, priorizou tratar da cultura afrodescendente, principalmente, da mitologia africana, enfocando a relevância do mito na organização social da comunidade negra da várzea, pois «A sensibilidade de um escritor, a sua capacidade de enxergar o mundo e pinçar nos seus movimentos a complexidade dos seres que habitam realizam-se na articulação verbal” (BRAIT, 1990, p. 66).

Em *Simoa*, as características da cultura negra são visíveis a partir dos comportamentos das personagens femininas e das referências à mitologia africana, destacando-se o comportamento da personagem-título, visto que assume, ao longo da trama, as características de três orixás femininos africanos: Iansã, rainha dos trovões, das tempestades, guerreira; Oxum, deusa das águas doces e das cachoeiras e, Iemanjá, deusa do mar e mãe de todos os orixás.

As atitudes de Simoa demonstram ligação entre mitologia e sociedade, pois a dualidade existencial – humano/divina – da personagem influencia nas decisões da comunidade negra a qual pertence. O comportamento de Simoa evidencia uma das principais características da cultura africana, que reforça a organização social voltada para os aspectos religiosos, posto que os orixás e suas respectivas áreas de atuação são relevantes para as práticas sociais da comunidade representada na história.

A princípio, Simoa confunde-se com Iansã, por ser sedutora, misteriosa e encantadora de homens, deixando-os temerosos quando dela se aproximam. A partir do momento que Simoa apresenta-se como imagem arquetípica de Iansã, evidencia-se a sutileza com que as mulheres desta novela agem, com suavidade e firmeza, através das quais Simoa impõe suas vontades nas decisões tomadas por seu povo, contrariando, a princípio, o destino dados às mulheres na trama: “Não falavam as mulheres, em reuniões como aquelas discutiam os homens” (FILHO, 1993, p. 128).

Como reflexo do orixá feminino africano “Oxum”, Simoa chega a um período de transição, para que os negros renovem a fé e a esperança, a fim de conseguirem trilhar o caminho rumo ao eu destino. A comunidade afrodescendente sofre uma mudança brusca no seu modo de viver, pois sai da várzea e migra para o deserto, onde passa dificuldades, as quais só Oxum pode resolver, posto que esse orixá tem a capacidade de tornar fecunda a terra estéril.

Ao seguir seu destino, Simoa surge como filha de Iemanjá, visto que tem seu ciclo de vida voltado para a água. Desde o seu nascimento, a personagem-título está envolvida com situações nas quais a água foi sempre o elemento principal: foi achada no mar, suas qualidades físicas e psicológicas fazem referência ao contexto marítimo; a semelhança entre Simoa e Iemanjá, faz com que a personagem seja dona do destino de sua comunidade, por deter o conhecimento sobre as águas, onde tudo se origina e se encerra.

As águas, nesta novela, predeterminam o curso da vida dos habitantes da comunidade negra da várzea. Logo, Simoa, mesmo que intuitivamente, detém sabedoria para salvar o seu povo. Assim, como reza a cultura africana, Simoa expressa o divino, pois suas condutas confundem-se com os comportamentos dos orixás africanos.

Observa-se a predominância do arquétipo da Grande Mãe, visto que a maneira de agir da personagem-título é baseada no amor e na esperança de salvação para o seu povo. Simoa, sob sua constituição humana e divina, define o desenrolar dos fatos. Através de suas escolhas e decisões leva, a sua comunidade para o deserto, que se transforma na terra da vida.

## 5 Considerações finais

Adonias estabelece uma relação entre o mito e sua literatura. O mito, em seu texto, torna-se o amálgama que envolve os povos dentro de um único universo de tensão. A todos estes povos, a comunidade da várzea, os caçadores, os que buscam a terra para a expansão da lavoura de cacau, todos estão sob a mesma aura de mistério.

O mito, neste caso de *Simoa*, determina os rumos, “sopra” os ventos da mudança e inspira seus personagens a agirem para sua própria salvação. Simoa é a principal representante deste misticismo e assume dentro da narrativa um papel fundamental como líder de sua comunidade, uma líder espiritual.

Vale ressaltar que, apesar deste protagonismo da personagem, socialmente, sua condição não é de igualdade perante os homens. A ela são atribuídas características de sensualidade, de beleza, de força, ainda que sua condição de líder seja questionada a todo instante ao primeiro sinal de dificuldades enfrentadas durante a jornada de seu povo, momentos em que a espiritualidade fala mais alto e seu papel de mulher transcende a questão de gênero. Simoa, à sua maneira, chama atenção para o papel da mulher numa sociedade que ainda a objetifica, que a reconhece primeiramente pelos atributos físicos que pela contribuição em outras áreas de atuação na comunidade.

Apesar disso, Adonias oferece um papel de destaque a esta mulher, dentro de sua comunidade e, também, à mitologia africana. Conforme a característica de sua literatura, inspirada principalmente nos clássicos gregos, verificamos no texto de Adonias menções ao mito universal da Grande Mãe, presente em inúmeras religiões, ao qual elege Simoa como representante. Apesar disso, Simoa não muda a estrutura social de sua comunidade, não apresenta diferentes papéis para as mulheres, tendo sua jornada “guiada” por um homem, Naro, aquele que abandona seu grupo para se tornar o guia do povo da várzea.

Adonias realiza uma novela “documentária”, característica dos romances desta segunda fase do modernismo no qual se insere, capta a matéria ficcional da atmosfera histórica que envolve o país, naquele contexto histórico, bem como as consequências desta atmosfera e as utiliza, como um índice, no qual permite-se realizar também a denúncia social e crítica histórica, ambas traduzidas pelo texto literário.

Adonias realiza uma denúncia social, da expulsão dos povos em prol do avanço da lavoura cacaueteira, bem como representa as entrelinhas do misticismo e do caldeirão cultural que também ajudou a formar a região sul-baiana.

## Referências

BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia**: rito nagô. Trad. Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1990.

FILHO, Adonias. Simoa. In: **Léguas da Promissão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

\_\_\_\_\_. **O romance brasileiro de 30**. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.

FILHO, Domício Proença. **A linguagem literária**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

LYRA, Pedro. A transfiguração poética do elemento local. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. N. 01, 1997/1998. Ilhéus: Editus, 1998, p. 129-144.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **A ficção da Região Cacaueteira baiana**: questão identitária. In: **Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**. N.º 01, 1997/1998. Ilhéus: Editus, p. 119-128.